

locais, e os eventos anuais e únicas, quer nas igrejas e conventos, quer nas ruas. A música fazia sempre parte destes eventos: os coros, os órgãos, as bandas filarmónicas, os hinos e canções populares. Esta comunicação procura expor uma seleção das imensas referências sobre a música, as instituições musicais e os músicos de Vila Viçosa no século XIX, articulando estes dados com os arquivos musicais no Paço Ducal e no Santuário de N. Senhora da Conceição.

David Cranmer, musicólogo e organista britânico radicado em Portugal desde 1981, é docente da FCSH, Universidade Nova de Lisboa. É doutorado da Universidade de Londres (1997) e membro integrado do CESEM, onde coordena o grupo de pesquisa “Música no Período Moderno” e a linha temática “Estudos Luso-Brasileiros”. É igualmente investigador responsável pelo projeto Marcos Portugal, assim como pelo Caravelas – Núcleo de Estudos da História da Música Luso-Brasileira. Nos últimos anos tem-se dedicado sobretudo à investigações sobre aspetos da ópera e música teatral em Portugal e no Brasil, nos séculos XVIII e XIX. Outras áreas de investigação incluem a música nas relações culturais anglo-portuguesas, e a vida e obra de Camille Saint-Saëns. É coautor (com Manuel Carlos de Brito) de *Crónicas da vida musical portuguesa na primeira metade do século XIX* (1990), autor de *Cantate Domino: introdução à música sacra* (2009) e de *Música no D. Maria II: catálogo da coleção de partituras* (2015), e editor de *Marcos Portugal: uma reavaliação* (2012), entre muitas outras publicações.

A representação musical do Diabo no *Auto da Barca do Inferno* (1944) de Ruy Coelho

Edward Ayres d'Abreu

CESEM, NOVA FCSH

O diabo canta, ri, assobia: como e por que razão? A que recursos melódicos, harmónicos, rítmicos, tímbricos, foi sendo associada a sua figura? Que relação musical, de contraste ou de afinidade, estabelece com os outros personagens em palco numa obra músico-dramática? Esta comunicação procura, a propósito da representação musical da figura do Diabo no *Auto da barca do inferno* (1944) de Ruy Coelho, começar a esboçar algumas respostas para estas questões. Em particular, explorar-se-ão as marcas que aproximam ou que diferenciam esta figura de outros “diabos” do repertório operático canónico que o antecede, procurando desvelar uma genealogia que o explique e procurando interpretar os contextos social e musical em que, no diálogo que encerra com a prática teatral vicentina, foi modernamente reinterpretado pelo compositor português.

Edward Ayres de Abreu estudou no Conservatório Nacional (Piano) e na Escola Superior de Música de Lisboa (Composição). É mestre em Ciências Musicais — Musicologia Histórica pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo defendido a dissertação “Ruy Coelho (1889-1986): o compositor da geração d’*Orpheu*”. Frequenta o Doutoramento enquanto bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia. É membro do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical. É membro fundador e Presidente da Direcção do MPMP, Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa, no âmbito da qual tem concebido e coordenado diversos projectos editoriais e de programação musical. Foi Director-geral da revista *Glosas* durante os seus primeiros quinze números. Colabora, em aulas, cursos ou concertos comentados, com a Fundação Calouste Gulbenkian, o Teatro Nacional de São Carlos e o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. | www.edward.pt | aa@edward.pt